

Os diferentes modos de torcer: a presença feminina nos estádios belo-horizontinos (1908-1927)¹

EUCLIDES DE FREITAS COUTO*

Introdução

A tarde esportiva de domingo passado, pode-se afirmar, uma das mais agradáveis do anno, pelo crescido numero de lindas admiradoras dos sports, que compareceram ao “stadium” americano. Era mesmo agradável o aspecto apresentado pelas archibancadas, onde se notava a presença de centenas de senhorinhas, cada qual salientando-se ao longe, pelos seus delicados vestidos e pelos seus diferentes modos de torcer. (GAZETA ESPORTIVA, 17 dez. 1927, p.2, grifo nosso)

Em uma das suas edições publicadas no ano 1927, o jornal Gazeta Esportiva estampava evidências sobre a popularidade dos espetáculos futebolísticos na capital mineira, revelando, uma característica emblemática da torcida belo-horizontina: a presença marcante do público feminino.

O fato não era uma novidade exclusiva de Belo Horizonte, inaugurada em 1897, pois no Rio de Janeiro, a revista ilustrada O Malho, exibia em 1905, fotografias do estádio do Fluminense repleto de senhoritas elegantemente trajadas nas arquibancadas (PEREIRA, 2000, p.74). *Pari passu*, em todo o país, multiplicavam-se na imprensa elogios às potencialidades higiênicas, intelectuais e morais do esporte bretão. Tais representações, formuladas pelo discurso jornalístico, têm sido exaustivamente revisitadas por historiadores e cientistas sociais, se constituindo, portanto, como uma das fontes essenciais para o conhecimento histórico da sociogênese do campo esportivo no Brasil.

Em síntese, os novos estudos que se debruçam sobre as análises dessas fontes, notadamente influenciados pela história cultural e pela *nouvelle histoire*, associam o

¹ Essa pesquisa contou com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG).

* Professor adjunto da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

desenvolvimento das práticas esportivas à formação do escopo social moderno, no qual o futebol assume centralidade no modo de vida das populações dos centros urbanos brasileiros. Em síntese, essas investigações revelam que nos principais centros do país, o período embrionário do futebol foi caracterizado pelo caráter excludente da sua disseminação na sociedade, tendo em vista que ela se processou primordialmente nos segmentos mais abastados. Difundido tanto pelos clubes quanto pelos colégios privados, o futebol representava uma prática elegante e cosmopolita, restrita a uma pequena parcela da população. Na capital mineira, em especial, os ares modernos, que trouxeram o “impulso esportivo”, encontraram um solo fértil para disseminação das práticas corporais. Afinal, nas primeiras décadas de existência, a utopia da “cidade moderna” adquiria traços concretos. Os espaços públicos assumiam suas destinações e incorporavam novas funções pleiteadas pelos usuários. Simultaneamente à nova configuração urbana, eclodiam variadas formas de apropriação do espaço público, das quais o futebol assumiu papel de destaque no rol das inúmeras novidades que desembarcavam da Europa.

Na última década do século 19, a concepção urbanística moderna que inspirou a construção da nova capital de Minas destinou parte da área central para a construção do Parque Municipal. O lugar, com localização privilegiada, era destinado a cumprir uma função para as elites locais que ocupavam aquela região: inspirado na tríade urbanística “salubridade, comodidade e embelezamento”, o parque espelhava as preocupações da comissão construtora da cidade quanto à existência de espaços verdes e áreas de lazer ao alcance da população (SALGUEIRO, 1997, p.160). Todavia, um ano após sua inauguração, o lugar acumulava outros usos, além daqueles inicialmente atribuídos: as corridas de bicicleta, em 1898, indicavam que o espaço também serviria de abrigo para práticas esportivas, tanto que, em 1904, rapazes da alta sociedade local fundaram o *Sport Club*, o primeiro time de futebol da cidade. A partir de então, o Parque Municipal entrou definitivamente para a história de Belo Horizonte como uma praça destinada às atividades corporais e à prática de esportes. Em 1908, no coreto localizado no parque, alguns jovens estudantes fundaram o *Athletico Mineiro Football Club*. A agremiação centenária que iniciou suas atividades num campo improvisado no interior do parque, em poucos anos, passou a ocupar terrenos baldios em outros pontos do centro da cidade até a construção do Estádio do Prado Mineiro em 1913.

A partir da destacada adesão dos frequentadores do parque – paralelamente a outras atividades esportivas – que a prática do futebol se expandiu para outros espaços da região central da cidade. Foi nesse contexto que em 1912 surgiu o *America Football Club*, agremiação cuja base social possuía as mesmas características do *Athletico*: jovens provenientes das famílias mais abastadas da cidade (COUTO, 2003; RIBEIRO, 2007). Incorporado pelas elites como uma prática elegante e saudável, o futebol foi incluído ao rol das atividades mais apreciadas no início do século 20: para os praticantes, ele representava a imagem do novo homem – saudável, viril e cavalheiro; para os espectadores, a participação nos eventos esportivos era vista como marca de distinção e elegância. Com efeito, o futebol, assim como outros esportes, se enquadra no conjunto de atividades que Norbert Elias e Eric Dunning (1996) definiram como “práticas civilizatórias”. Ao reproduzir, tanto para os jogadores, quanto para o público, aspectos estruturantes das sociedades modernas, como a individualização, a busca da emoção, a tensão e o conflito, o futebol contribuiu para a conformação de um novo *habitus*² para a elite belo-horizontina. Em outras palavras, o futebol permitiu aos *sportsmen* e às *sportswomen* a adesão a um novo tipo de economia simbólica³, na qual os vínculos de pertencimento, as disposições de solidariedade e de hierarquia se configuravam em um campo restrito aos seus participantes: os jogos, os bailes e os demais eventos relacionados aos clubes de futebol.

O cotejamento inicial às fontes escritas, sobretudo aos periódicos que circulavam na época (VITA, 1913-1914; O FOOTBALL, 1917; FOOTING, 1921; MINAS SPORT, 1925; GAZETA ESPORTIVA, 1927) revela que nos estádios da capital mineira, encontrava-se uma plateia composta pelas mais respeitadas famílias da sociedade local. Assim como nas praças esportivas do Rio de Janeiro e de São Paulo, as arquibancadas, tomadas por “gente da melhor estirpe”, eram verdadeiras passarelas onde as “senhoras e senhoritas” desfilavam os últimos lançamentos da moda parisiense. Com efeito, a presença feminina nos campos de

² Resumidamente, o conceito de *habitus* amplamente desenvolvido na obra do sociólogo francês Pierre Bourdieu, corresponde a um conjunto de comportamentos, escolhas estéticas, modos de agir e de se relacionar que estão diretamente relacionados à posição social do indivíduo. O *habitus* igualmente reproduz habilidades procedurais envolvidas na conformação de condutas sociais e políticas de maneira individual e/ou coletiva (Cf. BOURDIEU, 1971).

³ Sobre uma incursão aprofundada sobre a categoria “economia simbólica”, ver especialmente as considerações apresentadas por Pierre Bourdieu (1979).

futebol refletia as transformações sociais por que passava a sociedade belo-horizontina naquele período. A frequência dos espaços públicos, especialmente os estádios, sugere que o rompimento com os costumes tradicionais incluía a ampliação dos estreitos limites da vida privada das mulheres. Se em outros centros do país como no Rio de Janeiro a presença feminina nos estádios era percebida pelos cronistas apenas como um aspecto acessório, que contribuía para o embelezamento do espetáculo, como sugere Leonardo Pereira (2000, p.29), em Belo Horizonte, as mulheres se tornaram protagonistas, participando ativamente das atividades que envolviam os clubes de futebol. Ao constatar que as mulheres desempenharam o papel de torcedoras, de madrinhas dos clubes e participaram dos bailes realizados pelas agremiações esportivas, levantamos a hipótese que o futebol remodelou o *habitus* feminino, contribuindo para a integração das mulheres a novos espaços da vida social na capital mineira.

A partir dessas incursões preambulares, o itinerário proposto nesse artigo visa analisar os discursos construídos pela imprensa belo-horizontina sobre a participação feminina nas atividades ligadas ao futebol entre os anos de 1913 e 1927. Apesar de os estudos realizados em torno da origem do futebol em Belo Horizonte apontarem o ano de 1904 como o ano do surgimento da primeira agremiação esportiva que se dedicou ao futebol na cidade (RIBEIRO, 2007, p.12, RODRIGUES, 2006, p.152), a construção da primeira praça esportiva destinada à prática do futebol teve início em 1913, quando no Prado Mineiro, local destinado às corridas de cavalo, foi construído o primeiro estádio de futebol, onde o *Club Athletico Mineiro* e o *America Football Club*, agremiações notadamente elitistas, mandavam seus jogos. Nesse período, a disseminação do futebol se deu por outros espaços da região central da cidade, quando, ao adquirir notoriedade entre as camadas mais abastadas da população, sua prática passou a ser incentivada pelo estado, que cedeu importantes áreas urbanas para a construção de estádios (COUTO, 2003).

Diante desses sinais e indícios de que as mulheres possuíam uma participação de destaque nos eventos futebolísticos no período em questão, procuramos esmiuçar, captar e investigar os discursos produzidos pela imprensa acerca das questões socioculturais e políticas que envolviam o futebol belo-horizontino. Incluímos em nosso *corpus* documental, além de um número expressivo de representações extraídas da imprensa esportiva, inúmeros trabalhos produzidos por jornalistas, historiadores e cientistas sociais que se dedicaram à análise

sociocultural do futebol no período. Procuramos identificar nas imagens, entrevistas, narrativas e crônicas os discursos, ideologias e mentalidades que compunham o cenário futebolístico. É, sobretudo, através desses discursos, que procuramos compreender as idiossincrasias presentes da tessitura social capazes de fornecer os elementos para a apreensão dos significados das manifestações culturais desse período. A utilização de periódicos como fonte de pesquisa para os historiadores remonta à tradição criada pela História Nova nas décadas de 1920/30, época em que a concepção de documento foi problematizada e ampliada. Diante das novas demandas de conhecimento, da possibilidade de renovação temática e, sobretudo, da relativização da concepção de “ciência”⁴, o movimento iniciado pelos *Annales* abriu novas perspectivas o ofício de historiador conforme argumentam Le Goff e Nora (1977, p.10).

Contudo, os mesmos ventos que impulsionaram a abertura dos novos objetos e a incorporação de novas tipologias de fontes à pesquisa histórica também trouxeram consigo novos desafios ao pesquisador. Ainda que escape aos desideratos desse trabalho realizar um balanço pormenorizado de todas as implicações teórico-metodológicas e transformações epistemológicas decorrentes do processo de renovação da história, é prudente compreender a importância delas. Ao se deparar com os periódicos, por exemplo, faz-se necessário um exame criterioso que implica a realização de procedimentos metodológicos como a “crítica interna e externa” dos documentos⁵. Em suma, é preciso tomar uma atitude cautelosa em relação aos textos e imagens. Tais registros não “falam por si”. É indispensável correlacioná-los ao contexto histórico em que foram produzidos, procurando identificar as tensões, conflitos e interesses políticos presentes em suas entrelinhas. Nosso objetivo não é o de descobrir “a verdade” nesses registros, mas problematizar as circunstâncias em que eles foram construídos, conforme sugere Tânia de Luca (2005, p.139).

Ademais, é preciso incluir no rol dos “cuidados” tomados no processo de análise dos periódicos a questão das filiações e tendências adotadas pela linha editorial e as ligações dos jornalistas com grupos de poder político e econômico, além de não desconsiderar o fato de

⁴ Sobre a discussão em torno do campo de conhecimento histórico, consultar os trabalhos de SCHAFF (1978). Especialmente o capítulo 1, da segunda parte, intitulado O condicionamento social do conhecimento histórico.

⁵ Detalhes sobre esses procedimentos podem ser encontrados no manual produzido por Jean Glénisson (1977), sobretudo no capítulo IV, intitulado A crítica dos testemunhos.

que os editoriais e as redações são espaços que aglutinam diferentes linhagens políticas, o que também contribui para a conformação do campo intelectual.

Embora a pré-seleção das fontes incorporasse um número expressivo de representações extraídas das diversas formas de discursos (crônicas, reportagens e imagens) veiculados pelos periódicos, julgamos prudente a complementação do *corpus* documental. Assim, com o intuito de ampliar a compreensão sobre as atitudes, gestos e significados que as mulheres atribuíam ao futebol, objetos centrais de nossa investigação, recorremos também às fontes orais. As entrevistas foram realizadas nos anos de 2002 e 2003 com três pessoas que participaram ativamente das atividades futebolísticas em Belo Horizonte na década de 1920: um ex-dirigente e também torcedor e duas torcedoras⁶.

Em relação a esses depoimentos, optamos desde o primeiro momento pelas entrevistas temáticas, uma vez que as narrativas de vida, na maioria das vezes, desviam a atenção do entrevistado para outros assuntos que não se inserem no universo da pesquisa. Assim, as questões propostas buscaram, de forma geral, direcionar a rememoração dos entrevistados para o objeto pesquisado. Este procedimento, entretanto, não os privou da lembrança de situações particulares ou coletivas significativas em suas vidas, importantes, portanto, para o afloramento das tensões políticas que permeavam o período em questão. Partindo da premissa defendida por Lucília Neves (2000, p.113) de que a memória é o “substrato da identidade”, acreditamos que estas entrevistas se constituíram como momentos vivificadores da relação entre história, memória e identidade.

2. O torcer: a formação de um novo *habitus* feminino em Belo Horizonte

A fase inicial do futebol em Belo Horizonte foi marcada pela presença feminina nos estádios – a proporção de mulheres nas torcidas era significativa: em algumas ocasiões, estima-se que as mulheres representavam aproximadamente 50% do público total (SALUM,

⁶ As entrevistas foram selecionadas a partir de um conjunto de depoimentos orais colhidos entre os anos de 2002 e 2003, parte integrante do *corpus* documental utilizado nas análises formuladas pela dissertação de mestrado intitulada Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927), desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, sob a orientação da Prof. Dra. Lucília de Almeida Neves Delgado.

05 ago, 2002)⁷. Não eram somente as moças e os rapazes que frequentavam os jogos: famílias inteiras marcavam presença, com a mesma fidelidade com que iam à missa dominical. No entanto, as motivações eram diferentes para cada espectador: os moços buscavam a disputa e a vibração dos jogos; as moças, o divertimento de ver os atletas em calças curtas, com as pernas de fora, conforme revela o depoimento de Sílvia Bonfioli, torcedora do Palestra Itália nos anos 1920:

Os moços iam porque gostavam do jogo. Vibravam, gritavam eram muito mais atentos ao jogo. Já as moças iam para ver as pernas dos rapazes. Naquele tempo os homens não usavam bermudas como hoje em dia. Era só calça comprida. Para ver as pernas, era uma dificuldade danada. O futebol era uma das poucas ocasiões em que isso acontecia. Eu e minhas amigas sentávamos juntas só para escolher as pernas mais bonitas do jogo. Isto é que era a diversão. (BONFIOLI, 02 maio, 2003)⁸

Revelam-se assim as várias abordagens possíveis para se compreender a lógica da disseminação do futebol entre o público feminino da capital mineira. A primeira delas está relacionada à manutenção dos valores familiares. Levando-se em consideração a tese de que a *“família era a unidade básica da sociedade burguesa”* (HOBSBAWM, 1979, p.247), percebe-se que o espetáculo do futebol promovia sua integração, tal como os eventos tradicionais, festas religiosas e missas, nos quais predominava sua presença. Por outro lado, se os jogos atraíam as famílias, principalmente da elite, obviamente eles se tornaram um meio de encontro entre elas. As partidas e os bailes promovidos pelos clubes transformaram-se em eventos importantes para a constituição de namoros e casamentos como revela a entrevista de Paulina Lodi sobre o casamento da sua prima Elvira Lodi, com o jogador Ninão do Palestra Itália:

Era comum as paqueras no campo de futebol. As meninas iam para lá se encontrar com os rapazes nas arquibancadas, mas havia aquelas que se interessavam pelos jogadores. As cenas de romance sempre aconteciam. Os jogadores acenavam e mandavam beijos para as moças nas arquibancadas. Depois dos jogos, a mesma situação ocorria nos bailes. Os jogadores eram sempre os mais requisitados. Durante os bailes, eles escolhiam com quem iam dançar, pois havia muitos beijos

⁷ Informação extraída da entrevista concedida pelo Sr. Salim Salum, em 05/08/2002, no escritório da empresa de engenharia da família Salum, situado à rua Timbiras, n. 559, no bairro Funcionários, em Belo Horizonte. Recurso utilizado: gravador; 1 hora e vinte minutos de diálogo; 50 minutos de gravação.

⁸ Trecho extraído da entrevista de Sílvia Francisca Bonfioli, realizada em 02/05/2003 em sua residência, em Belo Horizonte, cujo endereço não pode ser divulgado a pedido da família. Recurso utilizado: gravador; 1 hora de diálogo; 40 minutos de gravação.

para as moças nas arquibancadas. [...] Eu não tenho dúvida de que o futebol aproximava as pessoas. O jogo era uma desculpa para os encontros amorosos. (LODI, 02 maio, 2003)⁹

As palavras da torcedora palestrina sugerem que para além das suas funções higiênicas e civilizadoras, os espetáculos futebolísticos colaboraram para fortalecer os laços que serviram para a manutenção e a ascensão social dessas mesmas famílias. Assim, além de seu caráter esportivo propriamente dito, o futebol tornou-se elemento de uma estrutura social urbana na qual múltiplas formas de sociabilidade se interpenetravam.

A atmosfera romântica que envolvia os jogos de futebol era refletida pelos jornais da época. Os cronistas de então ressaltavam a presença feminina nas partidas, tecendo fervorosos elogios às moças que frequentavam os estádios e que, por descrição, em razão do clima sigiloso que envolvia os romances¹⁰, eram identificadas apenas com as iniciais dos nomes:

Senhoritas F.M. e O M. Sabemos que muitos corações de foot-ballers têm andado 'doidinhos' pela bella sympathia em que se envolveu as senhoritas... Nos bailes, então, a alma apaixonada de um conhecido player suspiros em dolentes harpejos e nós, senhoritas, observando essa tortura, perguntamos a Deus, porque existem no mundo, torcedoras de tão fulgurante beleza! (O FOOTBALL, 21, set. 1917, p. 3)

Além das crônicas, os jornais também recebiam correspondências das torcedoras e respondiam em suas edições. Com isso, a imprensa contribuiu decisivamente para a cristalização da participação feminina na rede de sociabilidades desenvolvida em torno do esporte. Como os vínculos entre as mulheres e o futebol se estreitavam cada vez mais, os jornais belo-horizontinos passaram a promover os concursos de “Rainha”, “Princesa” e “Madrinha do Clube”. As candidatas, pré-selecionadas pelos cronistas, eram convidadas a participar das promoções, que se desenrolavam num clima de muita expectativa. Normalmente, as eleições começavam no início dos campeonatos e terminavam no meio da

⁹ Entrevista da Sra. Paulina Lodi realizada em 02/05/2003 em sua residência, na cidade de Belo Horizonte, cujo endereço não pode ser divulgado a pedido da própria entrevistada. Recurso utilizado: gravador; 1 hora e trinta minutos de diálogo, 1 hora de gravação.

¹⁰ Naquela época, os romances não eram “assumidos” publicamente. Quando o relacionamento se concretizava, o rapaz era, então, apresentado aos pais da moça e eles logo se casavam. Assim, quando ocorria algum tipo de paquera em lugares públicos, havia todo um ritual para que os pais não percebessem o fato. Informação extraída do depoimento da Sra. Paulina Lodi, op. cit.

temporada. Os nomes das competidoras eram publicados nos jornais juntamente com as cédulas, que eram recortadas pelo público e depositadas em urnas nos estádios. Não havia nenhum tipo de controle sobre a votação, e qualquer um podia votar quantas vezes quisesse. Semanalmente os jornais publicavam a apuração dos votos recolhidos até então (LODI, 02 maio, 2003).

Nota-se, assim, como o futebol, por meio de festas, concursos e outros eventos, ultrapassava o *locus* do estádio e se estabelecia em várias esferas do cotidiano da cidade. Se, para os homens, o esporte significava competição, virilidade e rivalidade, permitindo-lhes experimentar as emoções de um novo estilo de vida, para as mulheres, o futebol também teve um significado relevante. Além da ampliação do convívio com o sexo oposto nos espaços públicos, o futebol permitiu uma maior imersão da mulher nos círculos sociais. Os valores tradicionais vigentes no século 19, que defendiam um modelo de mulher enclausurada no lar, perdiam força à medida que atividades como o futebol abriam as portas do universo feminino para a chamada vida *smart*.

No início do século 20, nas cidades brasileiras, a participação em eventos sociais tornava-se um hábito cada vez mais difundido entre as “boas famílias”. Os novos valores assimilados pelos grupos familiares sinalizavam para a construção de uma mulher diferente que, perante a sociedade moderna, deveria se apresentar educada e culta, prestando-se sempre como boa anfitriã e mãe dedicada. Mas, para tanto, ela não poderia ficar trancafiada em casa, alheia aos acontecimentos sociais. Até para fortalecer a imagem masculina, as mulheres deveriam mostrar-se à altura dos seus maridos que, com efeito, eram bastante dependentes da imagem produzida pelas esposas nos círculos sociais, ainda que a autoridade nunca saísse das mãos masculinas (D’INCAO, 2002, p. 229).

Paralelamente aos crescentes movimentos feministas que, em várias partes do mundo, reivindicavam melhores condições de trabalho e igualdade social para as mulheres, as transformações dos costumes comprovavam a ascensão social de uma nova mulher. Tais mudanças, no entanto, não se davam sem a reação dos setores mais tradicionais e conservadores da sociedade, que contestavam essas transformações e a suposta desintegração da família atribuída à nova rotina adotada pelas mulheres, como se pode vislumbrar a partir de uma crônica publicada em uma revista destinada ao público feminino:

Hoje em dia, preocupada com mil frivolidades mundanas, passeios, chás, tangos e visitas, a mulher deserta do lar. É como se há um tempo se evadisse um ídolo. É como se a um frasco se evolasse um perfume. A vida exterior, desperdiçada em banalidades, é um criminoso esbanjamento de energia. A família se dissolve e perde a urdidura firme e ancestral dos seus liames. “Rumo à cozinha!” (REVISTA FEMININA, ago. 1920, s.p, apud MALUF; MOTT, 1998, p.372)

Por sua vez, o discurso positivista adotado pelos republicanos pregava que a família era o “suporte do estado”. Sendo assim, todos os esforços possíveis deveriam ser empenhados em prol da manutenção dos valores familiares. Nesse sentido, a aproximação entre família e futebol configurou-se como um dos sustentáculos desse empreendimento.

Ao reunir as famílias nos estádios, os eventos futebolísticos propiciavam momentos de sociabilidade nos espaços públicos, promovendo a integração social entre os próprios membros da família, e, simultaneamente, inserindo-as nas emergentes práticas de lazer que floresceram no início do século 20. Além disso, a presença feminina nos estádios incentivava o comparecimento do público masculino como descreve Salim Salum, ex-dirigente e torcedor do *America Football Club* nos anos 1920:

Os jogos eram um grande acontecimento na minha mocidade. Não tem como comparar com hoje em dia. Nós íamos mais cedo para o estádio, pois sabíamos que as moças iam chegar depois. O momento mais esperado era quando elas chegavam com suas famílias. Nós levantávamos e cedíamos os lugares para elas se sentarem. A partir daí, iniciava-se uma conversa... Era o grande momento para paquerar. O cinema, o teatro, a missa eram coisas muito formais. Então você via a moça ali, no estádio, e à noite, no baile, quando encontrasse com ela, tinha algum assunto para falar. (SALUM, 05 ago, 2002)

Por meio da análise do fragmento dessa entrevista, é possível especular que a presença das famílias nos estádios, especialmente das moças, contribuiu decisivamente para o processo de difusão do futebol na capital mineira na medida em que os jogos se tornaram um ponto de encontro da mocidade. Apoiada pela imprensa, a presença feminina nos estádios se configurava como um fator extremamente positivo ao progresso das práticas esportivas na cidade como destacava a crônica publicada pelo jornal *O Football*:

A radical mudança que, milagrosamente, se operou na sociedade horizontal, no que diz respeito às cousas de sports, é a mais bella victoria que o football conseguiu no seio de nossas familias. O match Flamengo-America attraiu às archibancadas do Prado numero tão apreciável de familias, (as mais distinctas de B. Horizonte) que vale pela melhor recompensa dispensada á rapaziada do America. Ainda há bem pouco as nossas gentis patrícias, ao verem os foot-ballers de calção atravessando as ruas, achavam-nos ridículos, grotescos. Muitas vezes ouvimos critica impiedosa

que moças faziam de nossos sportsmen. Os nossos campos de football não apresentavam o aspecto festivo de hoje, por isso que não eram aquecidos pelo sol de olhares femininos e não lhe recebiam a harmonia de seu sorriso crystalino... [...] Felizmente, Belo Horizonte já tem um número considerável de “torcedoras” que hendem o football, que nos momentos de angustia deixam escapar uma interjeição que exprime a aflição, o sofrimento de verem o “goal” da sua sympathia perigando.[...](O FOOTBALL, 13 set. 1917, p.2)

A crônica se constitui em um documento emblemático no sentido de se compreender as transformações nos costumes da época: por favorecer a exposição pública dos corpos masculinos, o futebol, num primeiro momento, foi visto com desconfiança pelas famílias mineiras. No entanto, com o decorrer do tempo e o aumento da atratividade dos jogos, o esporte foi paulatinamente caindo no gosto da elite belohorizontina. Além de revelar as transformações nos hábitos da sociedade, cujas famílias mais importantes se rendiam aos prazeres do jogo de futebol, a crônica evidencia o protagonismo das mulheres no espetáculo, demonstrando que a presença feminina se constituía como uma das atrações do jogo de futebol, considerado, naquela época, uma festa social.

Em 1927, outro periódico esportivo da cidade ressaltava a presença feminina no estádio do *America Football Club*. Nessa oportunidade, entretanto, o cronista não camuflou a identidade das mulheres por meio das suas iniciais: os nomes e apelidos das senhoras e senhoritas eram grafados por extenso. A identificação das mulheres indica que a presença feminina da elite belo-horizontina nos espetáculos futebolísticos merecia destaque por parte da imprensa:

[...] Assim, dentre essas inúmeras senhorinhas, que ornavam a praça de esportes do alvi-verde conseguimos colher os seguintes nomes; Senhoritas Nenen Alluoto, sympathica rainha dos sports, Izzota Pezzi, Loló Melo, Lina Alluoto, Zita Coelho, Paulina Alluoto; Ilda Perucetti, Ita Salles, Iolanda Arnoni, Ida Bianchi, Carmita Lopes, Violeta Franca, Ephigenia Franca, Florminaria Franca, Helena Pereira, Maristella Franca. [...] Também estiveram presentes as senhoras Jacomo Lluoto, Armando Dantas, Joaquim Cartacho e Ivo Mello.(GAZETA ESPORTIVA, 17 dez. 1927, p.2.)

Ao manter o tom galanteador que se via nos jornais de 1917, a reportagem estampava uma lista de mais de cinquenta senhoritas, além de quatro senhoras, cujas identificações traziam os nomes dos seus respectivos esposos. O texto buscava reforçar a importância da presença feminina no estádio, indicando o caráter agregador que os jogos esportivos adquiriam naquele contexto. Além disso, trazia a identificação da rainha dos *sports*

da temporada, cuja eleição, evento extremamente concorrido, era organizada pela própria imprensa, conforme mencionado anteriormente.

Não eram apenas os jornais esportivos que destacavam o interesse das mulheres pelo futebol na capital mineira. O semanário *Footing*, circulante em Belo Horizonte no ano de 1921, publicação destinada ao público feminino que também trazia inúmeras referências da relação entre as mulheres e o futebol:

Linda tarde de domingo. Autos e bondes repletos passam incessantemente caminho do Prado, onde nossos guapos e jovens conterrâneos se entregam valentemente às pugnas do Foot-Ball. A varanda de sua residência, Senhorita aprecia o desusado movimento da rua. Senhorita é apaixonada pelo futebol e aguarda ansiosa a nova do resultado. A quem caberá a victoria? Qual club será o vencedor? E aqui para nós: um dos clubs é homônimo de Senhorita. E nessa expectativa, ali fica, encantadora e gentil, na esplendente beleza de sua radiosa mocidade. Alva de neve, os olhos claros e expressivos meio velados por cílios negros e longos, muito loira, muito formosa, delicioso sorriso entre as trepadeiras em flôr que guarnecem a varanda de sua pitoresca vivenda, dir-se-ia a imagem linda da Graça. (FOOTING, 19 mar. 1921, p.2)

A descrição da senhorita América, na varanda da sua casa em uma tarde de domingo, além de revelar o suposto interesse da moça pelo jogo em questão, permite perceber traços do cotidiano da cidade alterados pelas partidas de futebol. O movimento de automóveis e bondes em direção ao estádio do Prado Mineiro, distante aproximadamente 3 km do centro da cidade, indica o interesse despertado pelos jogos que se tornaram verdadeiros espetáculos festivos nos finais de semanas.

A fase em que dominou a presença das elites nos estádios belohorizontinos durou aproximadamente até o final da década de 1920, marcou a disseminação do futebol e das atividades sociais agregadas à dinâmica dos principais clubes da capital. A partir de 1927, o futebol belohorizontino, acompanhando uma tendência que percorria os principais centros do país, iniciou uma nova fase denominada de “amadorismo marrom”. No ano de 1929, o *Athletico* inaugurou o Estádio Antônio Carlos, com capacidade para mais de 10 mil expectadores, que representava quase cinco vezes o tamanho dos outros estádios da cidade. A ampliação da praça esportiva contribuiu decisivamente para que o clube pudesse cobrar preços populares dos ingressos em seus jogos, atraindo, dessa maneira, torcedores de variados

segmentos sociais. No bojo desses acontecimentos, com a crescente popularização do esporte aliada à melhoria da qualidade técnica dos atletas, os clubes passaram a conceder “incentivos” financeiros aos jogadores, dando início ao processo que culminou em 1933 com a profissionalização do futebol na maioria das capitais brasileiras. Esse período, entretanto, não pode ser incluído no recorte temporal deste trabalho, uma vez que, ao ser absorvido pelas camadas menos favorecidas da população, o futebol assumiu novas representações socioculturais, diferentes daquelas encontradas nas duas primeiras décadas do século 20. Concomitantemente ao processo de popularização dos espetáculos futebolísticos, podemos especular, por meio de representações extraídas dos periódicos, que o aumento da rivalidade clubística (MINAS SPORT, 08 nov. 1925, p.2) e a própria masculinização dos espetáculos de futebol (ELIAS; DUNNING, 1996) ocorrida a partir dos anos de 1930, em Belo Horizonte, contribuiu para diminuição da presença das famílias nos eventos esportivos. A partir de então, o futebol experimentou diferentes rearranjos na sua configuração social, nos quais a presença feminina passou a assumir outros significados que fogem aos desideratos desse estudo.

3. Considerações finais

Diante de todos esses indícios fornecidos pelos registros escritos e orais, é possível perceber a contribuição do futebol para a integração social e a formação de um novo *habitus* feminino em Belo Horizonte, nas primeiras décadas do século passado. Carente de espaços que promovessem o encontro direto entre homens e mulheres, a cidade encontrou nos estádios e sedes sociais dos clubes um ambiente propício para tal finalidade, que serviu como verdadeiro “ponto de encontro” para os jovens da sociedade belo-horizontina. Pode-se também afirmar que a penetração futebolística em várias esferas do cotidiano da população reforçava a função higiênica do esporte, preconizada pelo estado e divulgada pela imprensa. Ao mesmo tempo, a presença das mulheres contribuía para sua inserção na nova civilização.

Se no início do século os costumes estavam em plena transformação, os campos de futebol serviram como termômetro dessas mudanças. O extravasamento das emoções, típico das partidas, era experimentado inclusive pelas mulheres, que aplaudiam, torciam, gritavam e choravam com os gols, contra ou a favor, de alegria ou de tristeza. Dessa forma, o

futebol contribuiu para a transformação do modo de ser feminino – que deixou para trás um tipo de conduta no qual imperava as extremas formalidade e solenidade, o típico comportamento de uma “dama” – e para a construção de uma nova identidade promovida pela aquisição dessas novas práticas sociais.

Para se compreender a formação de um novo *habitus* feminino em Belo Horizonte, é preciso ter em mente que as transformações sociais não são processadas necessariamente de forma integrada, consciente e organizada, mas podem se materializar nas maneiras de agir, nas trocas simbólicas e nas disposições hierárquicas dos indivíduos e grupos. A presença feminina nos estádios se deu a partir da própria dinâmica cultural da cidade que, por sua vez, foi influenciada pelos gostos e costumes europeus. Uma vez cristalizado como um hábito da alta sociedade, o futebol provocou nas mulheres uma forte identificação com um novo estilo de vida emergente. O conjunto de eventos que constituíam o universo futebolístico – os jogos, os bailes e os concursos de “madrinhas dos clubes” – possibilitou que as mulheres participassem efetivamente das atividades mais concorridas e requintadas da época. Entretanto, tais eventos, apesar de terem ampliado seu espaço de convivência, não interferiram na hierarquia social então vigente, pois as mulheres continuaram a ser reconhecidas socialmente à sombra do universo masculino. Pode-se falar, assim, em um ensaio, um pequeno movimento no sentido da construção de uma identidade social diferenciada da anterior, materializada pelas novas formas de lazer que fomentaram diferentes possibilidades de interação social nos espaços públicos.

De qualquer forma, por meio do futebol, as mulheres experimentaram os novos prazeres que a cidade lhes oferecia. Da visão das pernas masculinas desnudas correndo pelos campos, passando pelos glamourosos bailes nos requintados salões, até os concursos de beleza, o futebol permitiu às jovens da elite local experimentar o *smartismo* e o frenesi que emergiam na sociedade belo-horizontina, entre os anos 1910 e 1920, apesar do fato de muitas dessas novidades se contraporem à ordem patriarcal e aos valores das famílias mais tradicionais da capital do estado. Vem daí o caráter conflituoso da relação família/sociedade/futebol. Se, por um lado, os eventos futebolísticos despertavam grande interesse nas famílias mais “modernas”, por outro, os mais conservadores viam-no com certa desconfiança. Daí a relevância da participação feminina no esporte para a construção de uma

nova identidade social, já que tal participação também se deu como um gesto de contestação dos antigos valores. Mesmo levando-se em consideração a presença de muitas famílias nos campos, a oposição dos conservadores marcava essa diferenciação.

Assim, ao se considerar que a construção da “identidade” e da “diferença” são processos interdependentes, é possível afirmar que o futebol teve grande influência na construção de uma nova mulher belo-horizontina que se contrapunha ao modelo feminino cristalizado até o final do século 19. Por outro lado, esse tipo de *habitus*, conformador de novas identidades sociais, não pode ser generalizado como matriz explicativa para o entendimento do comportamento feminino na totalidade das cidades brasileiras em que o futebol despontou como uma prática social significativa. Não basta apenas reconhecer que o processo de difusão do futebol no Brasil abrangeu, em três décadas, quase a totalidade do território. É necessário incorporar à análise a perspectiva dos estudos locais e regionais, que visa reconhecer na perspectiva das dinâmicas locais, as chaves explicativas para o saber histórico.

4. Referências bibliográficas

BOURDIEU, P. **Le marché des biens symboliques**. L'Année sociológica. Paris: PUF, 1971.

_____. **La distinction**. Paris: Minuit, 1979.

COUTO, E.F. **Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)**. 2003. 142f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

D'INCAO, M. A. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, M. (Org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **Deporte y ocio em el proceso de la civilización**. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

HOBBSBAWM, E. J. **A era do capital: 1848-1875**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GLÉNISSON, J. **Iniciação aos estudos históricos**. Rio de Janeiro: Difel, 1977.

LE GOFF, J; NORA, P. **Fazer história**: vol.1, Novos problemas. Lisboa: Bertrand, 1977.

LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto: 2005.

NEVES, L. A. Memória, História e sujeito: substratos da identidade. História Oral: **Revista da Associação Brasileira de História Oral**, n.3, São Paulo, jun. 2000.

REVISTA FEMININA, Rio de Janeiro, ago.1920, s.p. apud MALUF, M., MOTT, M. L. Recônditos do mundo feminino. SEVCENKO, N. (Org.) **História da vida privada no Brasil**, vol.3 – República: da *Belle Époque* à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PEREIRA, L. A. M. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RIBEIRO, R. R. **A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal**:os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921).180f. 2007. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

RODRIGUES, M.A.A. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade**: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920). 2006. 340f. Tese

(Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

SALGUEIRO, E. A. **Engenheiro Aarão Reis**: o progresso como missão. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1997.

SCHAFF, A. **História e verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

4.1 Periódicos

FOOTING. Belo Horizonte, 1921.

GAZETA ESPORTIVA. Belo Horizonte, 17 dez. 1927, p.2.

MINAS SPORT. Belo Horizonte, 1925.

O FOOTBALL. Belo Horizonte, 1917.

VITA. Belo Horizonte, 1913-1914.